

Território, identidade e regeneração: reflexões sobre as viagens e os sentidos do lugar na Amazônia

Gutemberg Cardoso da Silva¹
Rosa Maria Vieira Medeiros²

Resumo

O presente estudo tem como objetivo refletir sobre as relações entre território, identidade e turismo regenerativo, a partir de uma abordagem geográfica que valoriza os vínculos simbólicos e afetivos construídos nas experiências de viagem e hospitalidade. Considera-se que, na contemporaneidade, o turismo ultrapassa a dimensão econômica e assume também uma dimensão ética, cultural e ambiental, sobretudo em contextos como o amazônico, onde os modos de vida tradicionais, as paisagens e os sistemas ecológicos se entrelaçam em uma rede complexa de significados. Ao relacionar o turismo com os processos de regeneração territorial, busca-se compreender como as práticas turísticas podem contribuir para restaurar não apenas ecossistemas, mas também vínculos identitários, comunitários e afetivos, frequentemente fragilizados pelas lógicas extrativas e coloniais que historicamente marcaram a região. O ponto de partida teórico baseia-se na concepção de território como espaço vivido e praticado, conforme Haesbaert (2004), onde as dimensões simbólicas e políticas coexistem na construção de pertencimentos. Na Amazônia, o território é simultaneamente espaço de vida, de trabalho e de espiritualidade, o que o torna um campo fértil para a discussão sobre identidades e hospitalidade. A identidade, nesse contexto, é compreendida como um processo dinâmico de construção e reconstrução de sentidos, marcado pelas interações entre sujeitos, memórias e lugares (Hall, 2006). O turismo, quando orientado por princípios regenerativos, pode tornar-se um mediador dessas relações, favorecendo encontros que reforçam o sentimento de pertencimento e valorizam os saberes locais. A identidade amazônica, construída na relação com a floresta, os rios e as ancestralidades, sofre constantemente pressões externas — econômicas, políticas e culturais — que tendem a descaracterizar modos de vida locais. O turismo regenerativo, ao contrário das práticas convencionais, propõe reverter esse processo, promovendo experiências que reafirmam a identidade coletiva e fortalecem a autonomia das comunidades. Ao privilegiar práticas de baixo impacto, hospedagens comunitárias e roteiros que valorizam o patrimônio imaterial, esse modelo de turismo contribui para a manutenção das territorialidades tradicionais e para o reconhecimento de novos sentidos de pertencimento. Nesse processo, a geografia desempenha um papel essencial ao compreender o território não apenas como um espaço físico, mas como uma construção simbólica e relacional. Ao associar o olhar científico à sensibilidade cultural, o geógrafo torna-se um mediador entre o conhecimento acadêmico

¹Doutorando em Geografia (UFRGS/UNL). Mestre em Turismo. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1854250231500064>. E-mail: gutorp@outlook.com

² Doutora em Geografia pela Université de Poitiers. Professora do Departamento de Geografia da UFRGS. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9467575322597261> E-mail: rmvmedeiros@ufrgs.br

Amazônia e Turismo Regenerativo

Viagens que curam territórios e comunidades

2 a 4 de dezembro



Evento em ambiente virtual

e as práticas sociais, colaborando para estratégias de gestão territorial que respeitem as identidades e potencializem a regeneração ambiental. A partir das reflexões desenvolvidas, observa-se que as viagens podem ser compreendidas como experiências de cura — não apenas individual, mas coletiva e territorial. O deslocamento, quando orientado pelo respeito e pela escuta, pode promover reconciliações entre o ser humano e a natureza, entre o visitante e o lugar visitado. Na Amazônia, onde o território carrega feridas históricas da colonização e da exploração de recursos, o turismo regenerativo se apresenta como oportunidade para recontar histórias e reconstruir vínculos. Assim, mais do que um setor econômico, o turismo se transforma em prática política, cultural e ambiental, capaz de promover a justiça territorial e fortalecer identidades. Em conclusão, o estudo reafirma que compreender o turismo regenerativo a partir das categorias de território e identidade é reconhecer o potencial transformador das viagens. A geografia, ao integrar os aspectos materiais e simbólicos do espaço, oferece ferramentas para pensar o turismo não como apropriação, mas como partilha; não como consumo, mas como convivência. As práticas regenerativas na Amazônia e em outros contextos territoriais demonstram que a hospitalidade pode ser um caminho de cura — um gesto que reconecta pessoas, lugares e memórias. Ao refletir a partir de Lisboa, reforça-se que a regeneração começa no olhar: um olhar que reconhece o outro, o território e o tempo como dimensões inseparáveis da experiência humana.

Palavras-chave: território; identidade; turismo regenerativo; Amazônia; hospitalidade.

Referências:

HAESBAERT, Rogério. *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.